

“O pequeno padre e pai dos colonos” as representações sociais de Theodor Amstad e suas práticas no Sul do Brasil[#]

“The little priest and father of the settlers” Theodor Amstad’s social representations and its practices in the South of Brazil

Alba Cristina Couto dos Santos Salatino*

Resumo: Este trabalho tem o intento de mostrar como o contexto sociocultural de um indivíduo pode influenciar em suas ações e na sua própria trajetória de vida. Theodor Amstad S.J. é reconhecido como fundador do cooperativismo e do associativismo cristão no Sul do Brasil. Estas ações foram “naturalizadas” ao longo do tempo, supervalorizando o líder religioso nas áreas de colonização alemã do Estado do Rio Grande do Sul. Buscou-se analisar suas motivações e inspirações para determinadas ações como sujeito histórico. A partir de uma análise reduzida foi possível conhecer o personagem na sua singularidade diante dos demais do seu tempo.

Abstract: The intent of this paper is to show how the social and cultural context of an individual can influence his actions and his life trajectory. Theodor Amstad S.J is recognized as the founder of the cooperativism and of the Christian associative practices in the south of the Brazil. These actions were “naturalized” in the course of time, overvaluing the religious leader in the areas of German settling in Rio Grande do Sul. It sought to analyze his motivations and inspirations for certain actions as a historical character. Starting by reducing the analysis scale it was possible to recognize the character in its singularity in face of the other people of its time.

[#] Agradeço ao professor Paulo Staudt Moreira do PPGH – UNISINOS pelas sugestões e indicações de leitura, na revisão e no alargamento da reflexão deste capítulo da dissertação de mestrado, defendida em 2013 pelo PPGH/PUCRS (SANTOS, Alba Cristina Couto dos. *As marcas de Theodor Amstad no cooperativismo e no associativismo gaúcho: as lembranças da Associação Theodor Amstad e da SICREDI Pioneira*. Porto Alegre: SESCOOP, 2014). Uma primeira versão deste texto foi apresentada no Encontro Estadual de História Anpuh -RS, 2014.

*Alba Cristina Couto dos Santos Salatino. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e doutoranda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista CNPq. E-mail: accristinasantos925@gmail.com

Palavras-chave: Theodor Amstad. Autobiografia. Cooperativismo. Associativismo. Rio Grande do Sul.

Keywords: Theodor Amstad. Autobiography. Cooperativism. Associativism. Rio Grande do Sul.

Primeiras palavras

Este trabalho tem por objetivo apresentar o personagem Theodor¹ Amstad S.J, utilizando como principal fonte de estudos a sua autobiografia, intitulada, *Teodoro Amstad: memórias autobiográficas* (1981).² Ele foi conhecido por seus paroquianos e comunidades teuto-brasileiras por onde circulou como o “Pequeno padre”, fazendo referência à sua estatura. Tal apelido pode ser encontrado em publicações de jornais ou em suas biografias.

Os registros bibliográficos referem-se a Theodor Amstad como uma personalidade notável, por sua intelectualidade, cujas produções foram feitas na sua língua materna, o alemão,³ e por sua originalidade em inaugurar o cooperativismo gaúcho, nas primeiras décadas do século XX, a partir de uma associação de agricultores.

As biografias⁴ valorizam e descrevem suas experiências no Brasil, encaminhando o leitor a um entendimento muito lógico dos resultados obtidos por Amstad. Isto é, um sucesso cooperativo e associativo que se explica por si mesmo; afinal, não teria outro caminho senão a consolidação dessas instituições de ajuda mútua. De fato, isso é compreensível, quando nos deparamos com os empreendimentos iniciados por Amstad e sua liderança comunitária, desde sua chegada ao Brasil, em 1885. Inclusive, será por conta dessas realizações sociais e comunitárias, concretizadas e existentes até os dias atuais, que Amstad recebeu dos moradores e colonos daquela região o apelido de “Pai dos colonos”.

Não queremos traçar generalizações quanto às investigações que procuraram apresentar este personagem jesuíta, embora tenhamos percebido que as abordagens referem-se a ele, sobretudo, como líder associativo e iniciador das caixas rurais de crédito no Brasil – em 1902, na cidade de Nova Petrópolis. Ressaltamos as poucas referências sobre as implicações de um padre jesuíta no século XX, liderar e/ou ser responsável por um grupo de pessoas considerável e tornar-se expressivo na região dos Vales. Há recentes investigações que neutralizam a excepcionalidade de Theodor Amstad, contextualizando a sua formação, suas vivências na Europa e a sua própria

ordem religiosa, como, por exemplo, os estudos de Erneldo Schallenberger (2001), Arthur Blásio Rambo (2011) e Márcio Werle (2014).

E, a partir disso, nosso intuito é refletir as experiências de liderança católica, associativa e cooperativista de Theodor Amstad, desde a sua autobiografia. Consideramos o desejo de sinceridade e de afetividade que uma escrita de si carrega, ao procurar revelar o seu eu mais profundo. Assim, foram levados em conta elementos tais, como: as interferências, as incertezas, as estratégias, as imperfeições e as influências políticas e sociais, da família e do grupo a que pertenceu. Todos esses fatores formam um conjunto de representações sociais, que acompanharam Amstad em toda a sua trajetória de vida. Certamente, tais representações contribuíram para novas práticas ou remodelações daquilo que conhecia.

Ciente das limitações que nosso trabalho possui, ele é uma parte, uma interpretação da biografia de Theodor Amstad e não poderia ser diferente. Levantamos alguns questionamentos metodológicos ao adentrar nesta pesquisa. Como utilizar uma autobiografia como fonte para a escrita da história? Em que momento de sua vida Theodor Amstad registrou suas memórias? Que imagem ele fez de si? Essas foram perguntas que nortearam nosso pensar e que acreditamos ser pertinentes ao trabalho que nos propomos a fazer. O cotejo da própria autobiografia de Amstad, com suas biografias, nos desafiaram metodologicamente, cujos gêneros exigem cuidados específicos. Por isso, focamos em sua história de vida, procurando costurar suas representações sociais com a história da sociedade que nos interessa compreender, aquela local/regional do Rio Grande do Sul. Conforme Leônia Cavalcante Teixeira (2003, p. 2), as narrativas autobiográficas “são reconhecidas e analisadas como meio de se conhecer como o social se personifica nos sujeitos, como a dinâmica social pode ser retratada nas vidas singulares cotidianas”.

Em meio a tantas atividades desenvolvidas por este personagem, e perspectivas analíticas já exploradas, este trabalho vai na direção de uma análise de escala reduzida, focada no indivíduo e na sua religiosidade, de maneira a considerar suas ações constituídas numa realidade que não era só sua ou, ainda, as práticas sociais realizadas poderiam se tratar, também, de estratégias de evangelização. Este estudo apoia-se no pensamento de Giovani Levi (2000), isto é, não procuramos uma perspectiva tradicional do mundo, imóvel e homogêneo, defensivo, conservador, incapaz de estabelecer iniciativas autônomas. Busca-se um panorama complexo, ainda que não seja possível abarcá-lo em sua totalidade, dotado de uma rede de relações estratégicas e

incertezas. Sobretudo, as incertezas neste cenário cultural que se desenha a vida de Theodor Amstad S.J.

Nesse sentido, destacamos dois eixos para apresentar e discutir neste artigo: 1) a vida familiar do sujeito histórico; 2) a formação intelectual/religiosa. Eles foram agrupados desde os primeiros capítulos da sua autobiografia. Neles, Theodor Amstad relatou sobre sua infância, família, educação e formação religiosa. A sua escrita é cronológica, desde a infância até suas atividades pós-paroquiais. Ele a escreveu entre os anos de 1934-1938. Concluiu suas memórias e morreu, em 7 de novembro de 1938, com 86 anos, há dois dias de completar 87 anos.

As práticas familiares, a liderança associativa do pai, o fervor religioso familiar somado a formação jesuítica, compõem importantes referenciais para a construção de uma realidade social. Tudo isso relacionado ao trabalho coletivo e à concretização de um projeto de ação coletiva, inaugurado no Sul do Brasil. Deste modo, ponderar o contexto social e cultural, tanto do indivíduo quanto do seu lugar de atuação, isto é, do ambiente onde se desenvolveu como figura pública, são fatores capazes de nos oferecer a atmosfera que o tornaria singular. “A reconstituição do contexto histórico e social em que se desenrolam os acontecimentos permite compreender o que à primeira vista parece inexplicável e desconcertante”. (LEVI, 2006, p. 175). Amstad tornar-se-ia singular pelas escolhas que fez e pelas estratégias tomadas em sua área de atuação pública. A seguir, vamos conhecer um pouco mais deste jesuíta.

A família Christen-Amstad

Theodor Amstad nasceu em 9 de novembro de 1851, no semicantão de Nidwalden, que se constituía na margem sul junto ao Lago dos Quatro Cantões,⁵ entre Beckenried e Hergiswil, na Suíça. Lá ele viveu os primeiros treze anos da sua vida. Acredita-se que a escolha do seu nome está relacionada a São Teodoro Mártir, como uma homenagem por ter nascido no mesmo dia de comemoração litúrgica do santo.

Sua família tinha uma propriedade rural perto de casa, além de terras comunais e uma pequena horta doméstica, compartilhada com cada habitante. Trabalhavam na terra com ferramentas comuns, como a pá e a enxada. Plantava-se de acordo com a necessidade. Sua residência era ampla, com mais de quinze subdivisões confortáveis. Era uma família letrada e com algumas posses, o que lhe dava condições de uma vida tranquila e

confortável. Necessidades como a moradia e a fome foram apresentadas a Amstad mais tarde, ao chegar no Brasil.

A família teve como característica marcante à cristandade. Esta característica Amstad fez questão de escrever e apresentar aos leitores em sua autobiografia. Ele deu grande visibilidade a este fato, quando registrou em seu livro a árvore genealógica de seu avô materno. Sobre a família paterna disse ter pouco conhecimento. A importância dada a esta árvore materna está na apresentação da descendência, que afirma ser direta entre o seu avô Aloísio Christen e um dos beatos mais reconhecidos da Suíça: Nicolau von der Flüe.⁶ Como herança dos avós maternos, destacou a estima pelos estudos e a cristandade.

Amstad registrou grande admiração por seus avós, sobretudo, em suas trajetórias de vida e conquistas, enfatizadas por ele, mediante o trabalho e esforço pessoal. Para ilustrar, segue um trecho de suas recordações.

A vovó Josefina Christen, da família Hermann, era muito pequena de estatura, grande e boa de coração, além de possuidora de uma consciência muito delicada.

De certa feita havia lido, na Sagrada Escritura, que o salário do trabalhador diarista não devia ficar sob o teto do patrão pela noite. Pois bem, ela seguia essa recomendação com tanta exatidão de consciência, que colocava efetivamente o dinheiro diante da janela durante a noite, quando no próprio dia não tinha conseguido pagar a conta do operário. (AMSTAD, 1981, p. 43).

No lugar onde residiam eram uma família de destaque, pois o avô era um renomado médico e um dos mais procurados da região, seja para prestar seus serviços médicos ou quando estavam à procura de suas mercadorias. Ele era proprietário da drogaria cantonal responsável por comercializar o necessário para as farmácias e para os médicos dos arredores. De acordo com o diário, possuía duas propriedades rurais, entre outros bens.

Sobre seu pai, José Maria Amstad, os relatos são unívocos quanto à sua capacidade de se reinventar profissionalmente. Por mais de trinta anos, foi alferes⁷ do governo cantonal. Nas primeiras décadas do século XIX, com as dificuldades econômicas pelas quais a Suíça passara, o jovem José Amstad andou pela Itália à procura de seu próprio sustento. E foi na região veneziana que encontrou emprego num armazém. Na memória de Theodor Amstad, a experiência de seu pai pela Itália e o aprendizado de outra língua

preparou-o para abrir uma loja de “secos e molhados”, mais tarde, quando já estava casado com Regina Christen, aquela que se tornara sua mãe.

O negócio do pai começou com a comercialização de queijos e vinhos. Depois, com a grande circulação de clientes da vizinhança, passou a comercializar também outros produtos como: açúcar, café, arroz, figos, salame italiano, entre outros. A marca de queijos “J.M.A.” (iniciais do nome de seu pai) passou a ser exportada para América do Norte e para o Brasil, e contava com duas filiais na Itália. Ele e a esposa dirigiam os negócios sozinhos, com poucos empregados, que ajudavam na administração. A senhora Regina Christen-Amstad era responsável pelas correspondências em língua alemã e francesa, enquanto ao senhor Amstad lhe cabia redigir as cartas em italiano, além de realizar viagens comerciais e de fazer propaganda dos negócios. Contudo, José Amstad ainda era membro ativo da Associação Católica de São Pio,⁸ apoiando as aspirações da mesma e acumulando funções comunitárias com aquelas familiares.

Os relatos sobre a senhora Regina também estão relacionados aos cuidados com os filhos. Tiveram doze, sendo que cinco morreram quando crianças. Com as viagens frequentes de José Maria Amstad, ela cuidava sozinha dos negócios. As lembranças sobre ela retratam uma mãe e esposa que trabalhava muito, e ainda procurava manter uma vida fraterna, ajudando os que necessitassem na região.

Theodor Amstad nasceu e cresceu numa família organizada e estruturada nos moldes da Igreja católica, com a diferença, talvez, da forte presença feminina da mãe. Fato que pode ter influenciado, quando do seu discurso, na criação das associações no Sul do Brasil, a favor da associação de mulheres.

A vocação dos tios maternos também foi destacada, pois eles estudaram em colégios jesuítas e a fé cristã seguia na família como um sopro dos antepassados. A família Christen-Amstad possuía bens e negócios, prezava os estudos e a moralidade cristã. Estas vivências influenciaram o desenvolvimento e as ações de Amstad ao chegar ao Brasil, pois sua visão de mundo foi construída com base nesses valores, antes mesmo de sua formação nos colégios jesuítas. Além disso, ele se coloca como descendente de Wilhem Tell,⁹ um sujeito cuja existência ainda é duvidosa, mas é tido como herói da independência helvética, no início do século XIV. Amstad relaciona esse fato com o valor dado ao trabalho à superação dos desafios encontrados por sua família.

Após a morte de seu pai, Amstad assumiu os negócios da família, com quinze anos de idade. Aos treze anos ele já administrava com a mãe, por conta das longas viagens do pai. Estas experiências com o trabalho desde cedo, junto a outras que citaremos a seguir, imprimiram no jovem Amstad responsabilidade e organização que serão empregadas no Rio Grande do Sul, mais tarde.

Ao registrar esses elementos sobre sua família e as vivências no seu seio, atentamos ao que David Lowenthal (1998) escreveu sobre a memória e o passado, pois, ao lembrar, nós não retornamos ao passado como máquinas do tempo para ver o que se passou. Portanto, a memória não preserva o passado intacto, mas o refaz adaptando-o para enriquecer e dar significados no presente e, quem sabe, manipular este tempo presente que está constantemente reformulando o passado. Assim, entre as informações que nos são dadas por Amstad, temos a certeza da carga de afeto e da valorização de suas próprias experiências. Contudo, é uma escrita consciente que reaviva os valores que o formaram enquanto sujeito.

A formação e a chegada ao Brasil

Theodor Amstad frequentou o ensino primário numa escola local. Essa escola era dirigida pelas Irmãs Escolares de Jungenbohl. O ensino secundário também foi cursado numa escola confessional, da ordem religiosa à qual mais tarde foi pertencer. O ensino jesuítico já era conhecido na família, pois os seus dois tios, irmãos de sua mãe, haviam estudado com os jesuítas de Friburgo e Brig. Ele e sua mãe, Regina Christen-Amstad, viajaram para Feldkirch, uma pequena cidade localizada na região da Áustria, com grande fama industrial e intelectual –, no ano de 1864, pois lá estava localizado o colégio *Stella Matutina*. Nesse colégio jesuíta, Amstad permaneceu por seis anos.

A educação de Theodor Amstad foi feita com base sólida na pedagogia cristã. Como foi demonstrado nos valores da família, a passagem a seguir revela o cuidado com o espírito.

Sempre que possível, mamãe assistia à santa missa e papai tantas vezes quantas o tempo lho permitia.

Rezava-se também as orações da mesa, mesmo em presença de hóspedes e estranhos; e aquilo sempre se fazia em comum e alta voz. (AMSTAD, 1981, p. 50).

Quando garoto, tivera uma função de liderança e de confiança no colégio jesuíta, cargo de cunho comercial. Nomearam-no questor da 2ª divisão do pensionato. A função lhe exigia tino comercial, o que já vinha desenvolvendo com os negócios da família, para vender pequenos objetos escolares e gêneros alimentícios.

A entrada de Theodor Amstad para a vida sacerdotal iniciou no dia 3 de outubro de 1870 com o noviciado em Gorheim. Dois amigos o acompanhavam como candidatos à vida consagrada: Gustavo Locher e Vítor Scheppach. E de fato, todos eles perseveraram no serviço religioso em que se prestaram a realizar. Amstad registrou uma passagem curiosa deles se despedindo das coisas mundanas, conforme se lê abaixo.

Visto, de certa forma, a casa do Noviciado de Gorheim, resolvemos voltar ainda uma vez a Sigmaringen, pois pretendíamos festejar, no “Hotel zur Post” ou hotel que apontava para o correio, com o senhor Locher [pai de Gustavo Locher] uma despedida do mundo alegremente umedecida, encerrando com uma garrafa de champanhe.

No caminho de retorno, ao passarmos pelo “Zollerhof”, que não ficava longe de Gorheim, resolvemos “una voce” comemorar de novo nossa despedida do mundo, sendo, porém, desta vez apenas com algumas garrafas de cerveja. Parece que nós três candidatos à Companhia nisso nos mostramos um tanto alegres demais. Por isso, curiosa, perguntou-nos a sábia-servente:

– “Para onde propriamente pretendem ir os senhores?!”

Respondemos com toda a franqueza:

– “Para os jesuítas de Gorheim!”

Com isso, não pouco surpresa, ela se pôs a rir e logo mais emitiu o seguinte parecer profético:

– “Lá, de certo os senhores não ficam por muito tempo!” (AMSTAD, 1981, p. 101).

Desse trecho acima, vemos a descontração, comum aos jovens, ao mesmo tempo em que Amstad deixou registrada a perseverança deles em seguir na vida consagrada. Isso não foi uma decisão triste, ao que salienta. Ao citar a possível fala da servente, podemos observar nela uma representação de outrora em relação aos padres jesuítas, a qual eles não se encaixavam, naquele momento. Por diversas vezes, Amstad escreve sobre situações

descontraídas e que lhe trouxeram sentimentos de alegria, durante a sua longa formação na ordem religiosa.

Estudou Humanidades na cidade de Wynandsrade, localizada na Holanda, no ano de 1872. No verão de 1881, Amstad viajou a Ditton Hall, perto de Liverpool, na Inglaterra para cursar Teologia, a última fase de formação eclesial. Permaneceu por lá até 1884. O início da década de 1880 foi um momento de grandes mudanças para Amstad não só de formação, tendo em vista que vinha de um ambiente rural da Holanda para outro país. A Inglaterra apresentou a Amstad tensões sociais do contexto fabril, de um país com industrialização consolidada. Os movimentos de operários e de camponeses da Inglaterra e da França, também alimentaram suas representações sociais, naquilo que, mais tarde, implantaria no Brasil –somando aos seus conhecimentos associativos aos modelos conhecidos em terras inglesas.

No dia oito de setembro de 1883, foi conferida a Amstad a ordem sacerdotal e, no dia seguinte, como ele mesmo aponta, num silêncio quase total, realizou sua primeira santa missa. Terminado os estudos teológicos, haveria novamente um período de distanciamento do mundo, estava na chamada “Terceira provação” da formação jesuítica. Para esta fase ele foi enviado para missão jesuítica no Brasil Meridional, com mais quatro sacerdotes. Conforme o seu registro, todos seguiram em direção a São Leopoldo:¹⁰

Por fim, aos 18 dias de setembro chegamos a Porto Alegre. Os meus 4 companheiros de viagem prosseguiram seu roteiro ainda naquele dia a São Leopoldo, permanecendo eu próprio até o domingo seguinte na Capela de São José, dita dos alemães, para ter então o meu sermão inaugural no Brasil. (AMSTAD, 1981, p. 135).

Seu destino para o Rio Grande do Sul explica-se na lógica jurídica da Companhia de Jesus. De acordo com Aloysio Bohnen (2000, p. 11-12), o referido estado era, naquele momento de sua chegada, terra de missão dos padres europeus germânicos, conhecido como Província da Alemanha Superior, no período entre 1869 a 1925, chamada de *missio germânica*. Entre 1842 a 1861 o RS fez parte da Província da Espanha, chamando-se *missio hispânica*. Entre 1862 a 1869, fez parte da Província Romana, chamando-se *missio romana*. No período entre 1925-1927, o Rio Grande

do Sul foi intitulado Vice-Província da Alemanha, por conta do significativo número do clero autóctone. A partir de 1927, o estado se fez Província independente, passando a englobar várias nacionalidades.

Theodor Amstad dedicou vinte páginas de suas memórias para falar de sua formação sacerdotal. É bom lembrarmos que naquele momento de sua escrita, os anos de 1930, a Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul, por meio dos seus empreendimentos e atividades, sofria duras críticas, no cenário político. Isso por representar na política nacionalista o estrangeiro e para as hierarquias religiosas a autonomia desconcertante de uma Ordem que responde ao ultramontanismo.

Nesse ponto de vista, Amstad novamente demonstra lucidez do papel que exercia socialmente, ressaltando em diversos momentos a importância do trabalho pastoral jesuítico, nas colônias de descendentes de alemães e no próprio estado. Em vista disso, salientamos que Theodor Amstad não teve total acolhimento de suas ideias associativas e cooperativas, inclusive entre a própria Ordem, assim como, Johannes Rick S.J. não teve – companheiro no desenvolvimentos das atividades, assumindo a liderança na década de 1920, mas pôde efetivamente ver os frutos de suas iniciativas.

Aquele que se propõe a construir uma narrativa da sua vida, certamente, tem uma imagem de si e do mundo social a que pertence, comunicando aquilo que lhe parece essencial ser comunicado. Raramente se identifica conflitos nessa narrativa de Amstad e quando os tem são (quase sempre) resolvidos com muita ética. Mesmo assim, em alguns momentos, Amstad deixa transparecer na sua escrita – principalmente, quando relata sobre as suas atividades missionárias e associativas, nos últimos quatro capítulos –, que tinha personalidade forte e que dificilmente recuaria em seus projetos, podendo até ser interpretado como inflexível, ou um “cabeça-dura”, algumas vezes.

Veremos a seguir, o que fez Amstad ser tão orgulhoso de suas atividades associativas e pastorais, estendendo esse orgulho aos seus admiradores e liderados até após a sua morte. Avaliamos as suas vivências na Europa e veremos os contextos socioeconômicos. Dessa forma, acreditamos não privilegiar o caráter exemplar de sua vida pública, os saberes como protagonista do cooperativismo no Rio Grande do Sul ou, ainda, acentuar seus feitos como se captasse sua essência. (LEVI, 2006). Isto é, queremos mostrar que a importância do sujeito Theodor Amstad para o associativismo e/ou cooperativismo não está em si mesmo, mas sim, no efeito que produziu e que ainda produz. Cabe nos perguntar, para quem este sujeito foi

importante? Seu papel foi determinante naquele contexto de atuação? Outro indivíduo poderia ter desempenhado seu papel? De acordo com Sabina Loriga,

não se trata da significação ou do valor da personalidade em si, mas do fato de que tal ou tal personalidade – em razão de sua personalidade, ou pelo fato de seu nascimento, ou ainda em virtude do voto e assim por diante – se encontrou em face dos acontecimentos numa posição que a viu se tornar um fator determinante do processo histórico. (MEYRER, 1904, p. 62 apud LORIGA, 2011, p. 113).

Os indivíduos de diferentes origens e classes podem ser determinantes dentro dos fenômenos sociais a que pertencem. Neste caso, Theodor Amstad fez parte de uma elite católica intelectual no Sul do Brasil. A Companhia de Jesus dirigiu o Colégio Nossa Senhora da Conceição (depois agrega a função de seminário central), em São Leopoldo, o qual formou inúmeros jovens e imprimiu um perfil definitivo à religiosidade no estado, nos finais do século XIX e início do XX. Vejamos os feitos do jesuíta Amstad.

Theodor Amstad e o associativismo

Theodor Amstad trouxe para o Brasil uma gama de conhecimentos ultramarinos e colocou-os em prática com criatividade e liderança, junto à realidade social brasileira. Amstad inspirou-se nos líderes do Catolicismo Social de meados do século XIX, na Alemanha,¹¹ além de sua vivência comunitária na infância, marcadamente cristã e católica.

Ele desenvolveu, no Estado do Rio Grande do Sul, o espírito do associativismo e do cooperativismo, tendo como base as experiências e os modelos conhecidos desde a Europa. O associativismo fez parte da sua vida familiar na Suíça, relatando em sua autobiografia a importância da ajuda mútua na comunidade.

Theodor Amstad criou a Associação Rio-Grandense de Agricultores, ao lado de dezenove membros (lideranças católicas, pequenos proprietários e trabalhadores rurais), a primeira expressão associativa de trabalho nas colônias teuto-brasileiras, no ano de 1902. A associação também era conhecida e chamada pelos colonos de *Bauernverein*. Ela se caracterizou pela interconfessional e pela proposta de interetnicidade, dirigida por líderes

leigos católicos e protestantes. De início se reuniam na paróquia, ou nas casas de dirigentes, no distrito de Nova Petrópolis.

Com esta associação, foi criada também uma caixa de crédito rural, aos moldes daquelas existentes na Alemanha, as Caixas *Raiffeisen*.¹² Dedicada ao empréstimo e a poupança, a caixa era conhecida como *Sparkasse Amstad*. Naquele contexto da colônia, ela supria a ausência de um banco local que fizesse transações para a população agrária, em específico, para o pequeno produtor. Essa foi a primeira cooperativa de crédito do País. Atualmente essas caixas de crédito formam o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi), em que pese as mudanças e reformulações no tempo. No ano de 1903, outras filiais foram criadas em Nova Petrópolis e arredores, mas, a partir de 1904, as cooperativas de crédito caíram no gosto dos colonos e se espalharam pelas colônias alemãs.

O desejo de fundar algo do tipo não foi inusitado e tampouco obra do acaso, em suas palavras revela que, “desde que cheguei ao Brasil, ocupava-me com o plano de, neste belo e rico país, descobrir a modalidade de fundar uma verdadeira ação associativa, que fosse de utilidade comunitária”. (AMSTAD, 198, p. 196).

Muitas são as passagens da sua autobiografia que demonstram seu envolvimento com o associativismo e com os acontecimentos políticos e sociais, ainda na Suíça, desde a sua infância. Relata que nunca participou de uma reunião da comunidade comunal pela pouca idade, mas pôde assistir a uma assembleia comunal que diz jamais esquecer. Para ilustrar, menciona a Confederação de Associações Católicas, a Associação de São Pio, a Associação Popular e o Partido Popular Católico, creditando a estas organizações a responsabilidade representativa dos interesses católicos, na Suíça, após 1848. Tal importância em suas memórias faz todo sentido, conforme relata Ernelo Schallenberger.

Os Cantões, de maioria católica, conseguiram organizar uma resistência ao avanço revolucionário, de caráter liberal e/ou socialista, fundando as *Associações São Pio* de ajuda mútua. Fomentaram a organização do Partido Popular Católico, que passou a representar e defender os interesses dos católicos. Em 1904, num movimento de sinergia da ação católica, foi fundada a *Sociedade União Popular Católica da Suíça*. (SCHALLENBERGER, 2001, p. 93, grifo nosso).

O período de 1848 Amstad nomeou de “revolução” em sua autobiografia, por ter se instalado, a seu ver, um radicalismo político em boa parte do país, por quase 50 anos. Estas organizações surgiram com o Movimento Católico alemão, e possuem suas raízes no final do século XVIII, a fim de enfrentar as ideias iluministas e revolucionárias que tomavam espaço na Europa, daquela época. O fervor e as práticas católicas na Alemanha, sobretudo, pelo grande número de estados independentes entre si, polarizados por duas potências antagônicas, Prússia e Áustria, estavam prejudicadas;¹³ principalmente, depois do término da Revolução Francesa e nos quinze anos seguintes, com as guerras e conquistas de Napoleão pela Europa inteira.

Este cenário de desorganização chegou perto do caos na Alemanha, e atingiu o ponto crítico em 1848, momento em que a Igreja percebeu-se desamparada, com seu prestígio abalado, sem poder contar com os governos, que estavam fragilizados. “Para as autoridades eclesiásticas e para as lideranças católicas leigas, não restava dúvida que a restauração do prestígio e da revitalização da Igreja na Alemanha passava pelo povo católico”. (RAMBO, 2011, p. 43).

É nesse contexto que foi criada a primeira associação católica, na localidade de Mainz (atual capital do estado alemão Renânia-Palatinado), região de fronteira com a França, que convivia com a constante problemática de identidade nacional e consequentemente desestruturação social. De acordo com Arthur Rambo (2011), a inspiração veio de agremiações que já atuavam com sucesso na Inglaterra, na Irlanda e na França, com o objetivo de defender a Igreja e a liberdade religiosa. Diante do descrédito da população – do cenário tumultuado da década de 1840, e da falta de tradição associativa do povo –, os católicos fundaram a associação, após formular e aprovar os estatutos, por meio de um documento assinado por, mais ou menos, quatrocentos sócios-fundadores. Estava criada a Associação de São Pio de Mainz. A partir de então, as associações se multiplicaram por toda a Alemanha, mobilizando, dessa maneira, o mundo católico. É este o modelo de associação citado por Amstad, diversas vezes, em sua autobiografia.

É importante ressaltar que a Companhia de Jesus é a ordem religiosa que vai atuar como o carro-motor na Restauração Católica, como bem lembram Olgário Vogt e Roberto Radünz (2013). Foi um movimento baseado no romantismo alemão, com ideias conservadoras e o renascer da espiritualidade do século XVIII. Assim sendo, essa mobilização do mundo

católico alemão passa por esse movimento, que não foi progressista, conforme os autores afirmam.

O catolicismo social, no confronto que teve inicialmente com o liberalismo e o capitalismo, e posteriormente também com a democracia e o socialismo, buscou no passado, mais precisamente no corporativismo medieval, práticas para manter a ordem e os valores culturais vigentes. Portanto, o associativismo cristão alemão, originalmente, não teve características progressistas. Ao contrário, foi gestado em contraposição a um mundo de instabilidade social marcado pelo desenvolvimento industrial, pelo aumento do proletariado, pelas migrações que desestruturavam psicologicamente e afetivamente as comunidades rurais, pela concentração de renda, pela falta de trabalho, enfim, de um clima propício para o desenvolvimento do radicalismo político e de movimentos de contestação social. (VOGT; RADÜNZ, 2013, p. 275).

O associativismo de outrora, assim como as práticas coletivas auxiliaram as lembranças e a conformação dos modelos trazidos por Theodor Amstad, que tem sua inspiração nesse catolicismo social. Da região serrana do Hunsrück e dos territórios anexados pela Prússia, após o Tratado de Viena (1815), veio um grande número de imigrantes. Também vieram de regiões alemãs limítrofes com a Bélgica e a Suíça, instalando-se no Sul do Brasil. Essa população, majoritariamente católica, vivia da pequena propriedade rural e da prática da agricultura familiar, marcada pelo conservadorismo agrário.

Esses elementos fizeram com que as ideias propostas por Amstad na colônia de Nova Petrópolis tivesse boa receptividade, cujos imigrantes, em grande medida, vieram da região de Hunsrück e puderam identificar semelhanças nas inovações propostas pelo jesuíta. Ou seja, as velhas organizações favoreceram uma matriz norteadora, ou apenas uma lembrança longínqua para alguns. O fato é que o reconhecimento das representações associativas, trazidas por Amstad, tornou possível a efetivação de uma organização social na colônia. E ela foi caracterizada e constituída pelas raízes culturais, baseadas nos princípios ético-religiosos do catolicismo.

Essas experiências e o surgimento do pensamento social-cristão na Alemanha habitaram a realidade social de Theodor Amstad, assim como daqueles que compartilharam “costumes e experiências sociais”. (BOURDIEU,

2004). Pois, ele assistiu seu pai nas reuniões e no envolvimento com a Associação São Pio, de seu cantão. Toda sua formação ocorreu na segunda metade do século XIX, em meio a todas aquelas transformações sociais. Não se pode ignorar esse contexto social, cultural e político que Amstad vivera, influenciando assim os modelos que viera, mais tarde, inaugurar no Brasil.

O pequeno padre e pai dos colonos

Amstad e outros padres jesuítas que aqui chegaram – principalmente depois da expulsão da Companhia de Jesus da Alemanha, por Bismark, em 1872 –, acusados de estarem a serviço de Roma entre outros motivos –, muito contribuíram para a vida pastoral da região sulista. No primeiro momento, com a “ressuscitação” da vida religiosa e promoção do bem-estar, estreitando a prática religiosa dos novos fiéis imigrantes, a partir da língua. No segundo momento, estabelecendo uma organização eclesiástica na comunidade paroquial, considerando o baixo número de clérigos que havia na província do Rio Grande do Sul. Em terceiro, os jesuítas formaram no Colégio Nossa Senhora da Conceição – sem esquecer do Colégio Anchieta, de Porto Alegre –, intelectuais, professores e novas vocações religiosas e sacerdotais, desde 1869 até 1956. Organizaram uma infraestrutura social por meio do associativismo, da escola e da Igreja, nos vales do Sinos, do Caí e do Taquari, espalhando-se por outras regiões.

A cidade de Nova Petrópolis foi palco de outra novidade associativa. Além do *Bauerverein* (1902), Theodor Amstad incentivou e liderou a criação da Sociedade União Popular (SUP), conhecida entre os imigrantes de *Volksverein*.¹⁴ O *Volksverein* passou a existir na Alemanha alguns anos após a saída de Amstad da Europa; vimos que na Suíça chegou em 1904. “Em 1890, sob a liderança de intelectuais, políticos, empresários e membros do clero, foi fundada a União Popular para a Alemanha Católica – *Volksverein*. (SACHSSE, 1992, p. 544). O *Volksverein* foi a mais representativa organização associativa católica da Alemanha.” (VOGT; RADÜNZ, 2013, p. 275).

A aceitação para tal criação ocorreu durante o congresso católico de 1912 – atividade que já ocorria nas colônias desde os anos finais do século XIX –, realizado na cidade de Venâncio Aires/RS. Nesse congresso, os assuntos que foram desenvolvidos diziam respeito à situação religiosa, cultural e educacional dos colonos teuto-católicos. Amstad apresentou um anteprojeto de estatutos e explicou aos presentes os objetivos e a finalidade

da nova associação, conforme o trecho do seu discurso, traduzido por Arthur Rambo.

Como sugere o próprio nome Sociedade União Popular para os Alemães Católicos do Rio Grande do Sul, nesta Associação deverá congregar-se, para uma tarefa comum, todo o povo católico de descendência alemã do Rio Grande do Sul. O que se pretende alcançar mediante essa tarefa comum é exatamente aquilo que os oradores que me precederam apontaram como necessidades materiais e espirituais dos católicos alemães do Rio Grande do Sul. Corresponde também ao que se acha expresso no parágrafo primeiro: A finalidade da Associação é a promoção dos interesses espirituais e materiais dos católicos alemães do Rio Grande do Sul. Tendo em vista que os objetivos são grandes, abrangentes e que dizem respeito a nós todos, a participação na Associação deverá ser a mais ampla possível. O parágrafo segundo dos estatutos diz que poderá filiar-se à Associação como sócio, qualquer católico que tenha atingido os dezoito anos. Desta maneira, as portas da Associação estão abertas não apenas aos homens, mas também às mulheres. (RAMBO, 2000, p. 30-31).

De acordo com Amstad, o *Volksverein* uma associação que se empenhou “num trabalho sério; que entra em cena onde quer que os interesses dos católicos estiverem em jogo, uma corporação de lutadores, sempre pronta e comprometida com a causa de Deus e da Igreja”. (RAMBO, 2000, p. 31). Embora ele tenha fundado a Associação de Agricultores Rio-Grandense dez anos antes, considerou que a sua “ação em favor da vida associativa apenas começou, no entanto, em 1912, e foi com a fundação da Sociedade União Popular”. (AMSTAD, 1981, p. 198).

A presença e atividade do clero jesuíta são tidas como indispensáveis no desenvolvimento das colônias de imigrantes, para a missão profética e sacerdotal, não obstante, para orientar e liderar as diversas ações sociais que empreenderam nessas regiões: de saúde, de educação e de economia, por meio das cooperativas. Devemos considerar que, no final do século XIX e início do XX, as famílias católicas dos imigrantes alemães e seus descendentes eram majoritariamente analfabetos ou com pouca instrução educacional, cabendo, muitas vezes, o papel de esclarecido da comunidade ao padre. Nesse sentido, o projeto jesuíta, em consonância com a Igreja ultramontana, era de envolvimento em todos os aspectos da vida, na perspectiva de um

catolicismo social. E isso fica evidenciado na finalidade da Sociedade União Popular que Amstad inaugurava.

Ao mesmo tempo em que eles realizavam sua vocação de cura de almas, dando a oportunidade dos imigrantes de terem orações e rezar na sua língua materna, animavam a fé por meio das associações, das escolas comunitárias e das cooperativas rurais de crédito às quais estavam engajados. O bem-estar material também era um pressuposto para a vida espiritual saudável, inspirados nas organizações alemãs. Estes segmentos foram imprescindíveis para o estímulo da vida cristã na comunidade paroquial. Em grande medida, as atividades educacionais e cooperativas estiveram vinculadas às atividades da SUP – como mantenedora, como sede, como criadora e principal fomentadora das práticas de solidariedade cristã - e seus líderes, leigos e jesuítas.

Theodor Amstad registrou em suas memórias que conseguia realizar suas tarefas simultaneamente, isto é, a de pároco, de padre e de secretário da Sociedade União Popular, como pode ser observado na citação seguinte:

Observo de início que seria errado pensar que, aceitando eu tais atividades associativas, se tivessem findo para mim os trabalhos na cura das almas! O que procede é o contrário. Precisamente o trabalho na “Sociedade União Popular” permitiu-lhe continuar as atividades apostólico-pastorais.

Cada visita a uma das seções associativas também era uma visita de caráter pastoral para a respectiva comunidade, importando, pois em confissões, santas missas, prédicas, etc. (AMSTAD, 1981, p. 198).

O personagem em questão, Theodor Amstad, estava participando ativamente de todas estas ações desde que se instalou no Vale do Caí /RS, em 1885. A nova associação teve aceitação da comunidade e difundiu núcleos rapidamente. A classe do magistério teve participação efetiva nas escolas comunitárias destes novos distritos, em que o *Volkverein* chegava. Os professores já tinham uma entidade representativa nas colônias, a Associação dos Professores, desde 1898.

Em suas viagens, tanto como secretário itinerante¹⁵ da Sociedade União Popular quanto nas visitas com responsabilidades religiosas, Theodor Amstad divulgava e incentivava o associativismo e a criação de cooperativas de crédito. Depois de concluir o que ia fazer de fato na comunidade (reunião da comunidade, missa, confissões), Amstad procurava realizar uma reunião

com os paroquianos para: fundar ou não mais um novo distrito, uma nova cooperativa, uma frente de colonização, enfim. Parece que, assim que terminava a reunião, logo colhia assinaturas para o tal projeto, daqueles que seriam os mais novos associados. A partir daí, ficava a cargo do professor das escolas comunitárias a consolidação do projeto, recomendando aos colonos que se unissem em torno daquela idéia. (RAMBO, 2011).

E foi nessas idas e vindas em cima de sua mula, que Theodor Amstad ficou conhecido como o “Pequeno padre”, entre colonos alemães e italianos, chamado por esses últimos de Teodoro. Ele foi padre coadjutor da paróquia de São Sebastião do Caí e de São José do Hortêncio, até 1895. Depois assumiu como pároco de Nova Petrópolis - criada distrito de São Sebastião do Caí, desde 1889 pela Lei Provincial de n. 1.805. Diante de tantas atividades que envolveram a promoção do bem-estar social, Amstad passou a ser reconhecido pelos teuto-brasileiros de *Colonorum Pater*, “Pai dos colonos”.¹⁶ Após a sua morte, em 1938, também ficou conhecido e rememorado como o “Pai do cooperativismo brasileiro”, ou como está escrito no monumento em sua homenagem - erguido em 1942 na cidade de Nova Petrópolis –, “Ao iniciador do cooperativismo”.

Giovani Levi em *Herança imaterial* (2000) nos fala sobre incertezas e estratégias. Apropriamo-nos aqui da incerteza do próprio Amstad, naquele contexto, de que os resultados de suas ações seriam profícuos, bem como conhecia na Alemanha. E, a partir disso, configurar estratégias de ação coletiva para superar os obstáculos econômicos, educacionais e culturais da região de colonização alemã, que certamente eram muito diferentes daqueles que conhecia. Essas colônias eram novas e apresentavam fragilidades econômicas, no escoamento da produção, por exemplo, ainda em meados do século XX. Sem dúvidas são méritos incontestáveis da liderança e perspicácia do jesuíta Theodor Amstad, muitas das atividades desenvolvidas. Mas, enfatizamos que não só dele, em que pese o próprio Projeto de Restauração, do qual fazia parte e a participação ativa dos associados e cooperativados.

Palavras finais

Tendo em vista que o indivíduo se manifesta de diferentes formas, nos diferentes espaços de sociabilidade que frequenta, atentamos para a linearidade da narrativa (auto)biografia, que não contempla toda realidade histórica. De acordo com Bourdieu (2006), se faz necessário apreender a subjetividade e a intencionalidade do relato, seja na escrita do outro ou de si.

Nesse sentido, a leitura e o uso da autobiografia de Theodor Amstad foi realizada de maneira a capturar as suas representações sociais, as quais foram personificadas em suas práticas na coletividade. A análise realizada nos apresentou indícios, sinais de uma realidade que não finda em si mesma, permitindo-nos transformar fragmentos de uma totalidade em possibilidades de estudo, quando cotejamos com trabalhos acadêmicos e outras fontes.

Sem dúvidas, Amstad tornou-se um personagem determinante no curso da história do associativismo teuto-brasileiro, no Rio Grande do Sul e na própria Região Sul do Brasil, além de fazer parte de um clero que goza de prestígio intelectual dentro e fora da Igreja. A atuação de Amstad uniu a prática da fé cristã e da ajuda mútua. Ademais, a ideia inédita de Amstad, em terras brasileiras, encontrou terreno fértil para prosperar, pelo menos no que diz respeito aos emigrados da região de Hunsrück.

A solidariedade e a vivência na fé cristã nortearam seus passos. A criação da Sociedade União Popular atendeu às necessidades do Projeto de Restauração, tendo sido um dos mais importantes instrumentos de difusão e de formação moral - com publicações semanais e mensais de diferentes assuntos -, baseada numa vida sacramentada.

Os exemplos de sucesso de vida associativa que Amstad trouxera em sua escrita podem ter motivado realizações semelhantes nas colônias alemãs. A partir da realidade rio-grandense, adequou aqueles exemplos aos problemas, às dificuldades econômicas e culturais das colônias. Desde a vivência familiar desse jesuíta e seu ambiente sociocultural, na Suíça do século XIX, foi possível conhecê-lo inserido num contexto, e compreender melhor suas motivações para uma organização social, no Sul do Brasil. Os desejos pessoais e a disciplina jesuítica também podem ter sido motores pulsantes em suas práticas.

A recapitulação do passado feita por Amstad traz ao leitor uma Suíça soberana, que soube lidar com os problemas do desemprego e as dificuldades sociais, um país que poderia servir de modelo para os demais, além da ideia saudosista. No processo de seleção do que registrar, o pequeno padre se coloca, muitas vezes, exercendo uma atividade fundamental nas colônias. Nos momentos em que lhe faltou certeza nas lembranças, Amstad declara para o futuro leitor, a dúvida ou esquecimento. Pela idade avançada, percebe-se que suas memórias possuem uma boa organização, e isto, talvez, se deva ao hábito de ler. A escrita de um diário com idade avançada não é novidade no meio eclesiástico, muitos se dedicam a este fim, as atividades literárias. No entanto, as atividades públicas realizadas por este personagem e registradas

em um diário nos colocam “pulgas atrás da orelha” e nos revelam pistas de outros fatores sociais, o que torna tal escrita muito rica.

A atividade que o faz ser mais lembrado na bibliografia é o seu envolvimento na vida associativa. Porém, Amstad dedicou apenas cinco páginas, quase que finais, das 193 escritas por ele no livro. A maioria das páginas foi dedicada às vivências na Europa e ao trabalho pastoral que, muitas vezes, não foi dissociado do trabalho com a associação. Em muitas passagens, levar o Evangelho as famílias e incentivar uma vida solidária associativa tinham o mesmo sentido para Amstad. Como um bom jesuíta, encerra seu diário com a frase-lema de Santo Inácio de Loyola: “Tudo pela maior glória de Deus”.

O que se percebeu na atuação de Theodor Amstad, como cura de almas e/ou pai dos colonos, é que a sua presença foi determinante, ao lado de, no mínimo, outros dois jesuítas, Johannes Rick e Max Lassberg, pois, atuaram em muitas das resoluções de problemas da região. O modelo de associação da Sociedade União Popular, como vimos, não era uma novidade no mundo, assim como o sistema cooperativo também não o era. Porém, neste espaço, nesta realidade brasileira e colonial de outrora, tornaram-se pioneiras. Ideias que foram buscadas e adaptadas, sem perder a essência romântica das representações sociais do jesuíta suíço. Elas foram norteadas pela experiência de quem viu, ouviu dizer e conviveu com modelos de ajuda mútua na infância e na vida ainda na Europa.

Notas

¹ Embora apareça na bibliografia Teodoro e Theodor, optou-se por esta última grafia, por ser mais recorrente nos documentos originais, pesquisados no Memorial Jesuítico Unisinos.

² Não é difícil observar que os trabalhos que tratam sobre cooperativismo ou associativismo nas áreas de colonização alemã citam Theodor Amstad e utilizaram sua autobiografia como meio de consulta. Estas memórias foram publicadas em livro, pela primeira vez, no ano de 1940, em língua alemã, sob a edição da Sociedade União Popular, na cidade de Porto Alegre. Uma segunda edição foi publicada décadas depois, no ano de 1981, pela editora Unisinos.

³ Assuntos como: economia, família, vida religiosa, reflorestamento, genealogia, participação feminina, reiteram a relevância intelectual deste suíço em terras brasileiras, como, por exemplo, a organização e coletânea das informações contidas no livro, *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924*, são creditadas a ele.

⁴ As biografias a que nos referimos são: BOHNEN, Aloysio. *Pe. Theodor Amstad, SJ. Um eminente apóstolo social*. São Leopoldo. Ed. da Unisinos, 2000. RAMBO, Arthur Blásio. *Theodor Amstad: perspectiva econômica, Série Cooperativismo*, v. 35, n. 47, p. 5-37, 2000; RAMBO, Balduino. *Pe. Teodoro Amstad S. J. Um homem do povo de veste talar*. Fundo Balduino Rambo S. J. Acervo Documental e de Pesquisa – Memorial Jesuítico / Unisinos Código 1.4.1.8. ALR-9. São Leopoldo, s/d.

⁵ O 1º artigo da Constituição da Suíça declara quais são as unidades da Federação que a constituem, designadas *cantões*. Na Suíça, o termo empregado para designar os estados, às vezes é *Estados*, mas o termo predominante desde o fim do antigo regime

é *Cantões*, termo etimologicamente obscuro, todavia empregado oficialmente pela Constituição Helvética, a de 1848 e pela última, de 1874. Os semicantões têm a mesma competência dos cantões, isto é, criar a sua própria constituição e exercer as demais competências que não são reservadas à confederação (BROCHADO, Maíra. O estado suíço e seus cantões. *Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável*, Belo Horizonte, v.1, n. 2, p.105-106, 2004).

⁶ Nicolau von der Flüe viveu de 1417-1487. Foi um campônio piedoso e pai de numerosa família. Isso no Flüeli, Cantão de Unterwalden. Foi também juiz e soldado. Por haver impedido, em 1481 a guerra civil, é patrono dos pacificadores (Comentários do tradutor Arthur Rabuske, AMSTAD, 1981, p. 42). Padroeiro da Suíça, canonizado por Pio XII no ano de 1947. Amstad era aparentado seu em 13º grau (BOHNEN, Aloysio. *Pe. Theodor Amstad, SJ: um eminente apóstolo social*. São Leopoldo. Ed. da Unisinos, 2000. p. 8).

⁷ Profissão importante e perigosa, pois cabia ao alferes proteger do inimigo a bandeira nacional. Nos anos posteriores, tornou-se, contudo, mais e mais um cargo honorário. (AMSTAD, 1981, p. 45). Antigo posto militar, equivalente ao atual segundo-tenente (Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/alferes/>>. Acesso em: 10 out. 2012.

⁸ Associação Católica fundada na Suíça, em 1856. (AMSTAD, 1981, p. 47).

⁹ Embora muitas histórias sobre ele sejam do campo lendário. Ao recusar as ordens de Gessler, representante de Alberto I da Áustria, para curvar-se diante do chapéu ducal que estava exposto no Cantão de Uri, Tell viu-se obrigado a derrubar com uma flecha de uma

balestra (semelhante a uma espingarda com arco e flecha), a maçã colocada na cabeça do seu filho. Saiu-se vitorioso por não acertar o filho (Observações feitas pelo tradutor Arthur Rabuske, AMSTAD, 1981, p. 53).

¹⁰ Os alemães chegaram ao Rio Grande do Sul no ano 1824, e se instalaram na Colônia de São Leopoldo, atualmente região próxima a Porto Alegre, a 30 km. Nova Petrópolis foi criada para expandir a colônia em direção ao norte, em 1858. Sobre o desenvolvimento da colônia de São Leopoldo e sua expansão ver mais, em: TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira 1824-1850*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2000.

¹¹ A palavra *Alemanha* está sendo utilizada, mesmo no período da Confederação Germânica, antes de sua unificação, considerando que estamos citando regiões de países alemães, sem maiores discussões políticas, para melhor fluência na escrita.

¹² Friedrich Wilhelm Raiffeisen criou o Associação do Pão, em 1846, na comarca de Weyerbush, ajudando os pobres durante a fome de 1846-1847. Posteriormente cria caixas de empréstimos para atender a demanda, com caráter conservador. Fundou outra Associação de Socorro Mútuo para Agricultores em 1849, e a Associação Caritativa de Heddesdorf no ano de 1854. Sua ideia foi seguida rapidamente sendo aperfeiçoada, até se institucionalizar como uma cooperativa de crédito mútuo-rural, baseada nos princípios morais cristãos. (WERLE, 2014; RAMBO, 2011).

¹³ Nos territórios alemães, governantes interferiram profundamente no cotidiano

da Igreja, focando suas interferências em três pontos essenciais: a primeira eram as frequentes tentativas de diminuir ou anular a autoridade hierárquica; a segunda era a consequência da primeira, ou seja, estremececer a relação do clero com os bispos, até ficar completamente comprometida; e, por fim, investir na formação do clero em sintonia com o governo laico e inteiramente desfavorável à orientação da Igreja. (RAMBO, 2011, p. 36-37).

¹⁴ Esta associação está em pleno funcionamento até os dias atuais com sede na cidade de Nova Petrópolis. O nome sofreu mudanças ao longo do tempo, chamando-se atualmente de Associação Theodor Amstad.

¹⁵ Theodor Amstad foi o diretor, o secretário-geral e o secretário itinerante da associação. Ver mais em: SCHALLENBERGER, Erneldo. *O associativismo cristão no sul do Brasil*. 2001: a contribuição da Sociedade União Popular e da Liga das Uniões Coloniais para a organização social e o desenvolvimento sulbrasileiro. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

¹⁶ Trabalhos recentes têm apresentado a denominação de “Pai dos colonos” para o padre jesuíta Johannes Rick, sobretudo, por sua efetiva participação na colonização de Porto Novo, atual cidade de Itapitanga. Ver mais, em: SCHNEIDER, Maikel Gustavo. A imprensa a serviço do Projeto de Restauração da Igreja católica (1871) e da implantação da colônia Porto Novo (1926). *Revista Semina*, v. 16, n. 1, p. 82-98, 2017.

Referências

- AMSTAD, Teodoro. *Memórias autobiográficas*. Trad. de Arthur Rabuske. São Leopoldo: Unisinos, 1981.
- BOHNEN, Aloysio. *Pe. Theodor Amstad, SJ: um eminente apóstolo social*. São Leopoldo. Ed. da Unisinos, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed da FGV, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silva e Denise M. Pegorim. Revisão técnica de Paulo Monteiro. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martim Guerre*. Trad. de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno x. da biografia à história*. Trad. de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção História e Historiografia/ Coordenação Eliana de Freitas Dutra, 6).
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998.
- RAMBO, Arthur Blásio. *Somando forças: o projeto social dos jesuítas do Sul do Brasil*. São Leopoldo, RS: Ed. da Unisinos, 2011.
- RAMBO, Arthur Blásio. Theodor Amstad. *Perspectiva Econômica*, Série Cooperativismo, v. 35, n. 47, p. 5-37, 2000.
- SCHALLENBERGER, Ernelo. *O associativismo cristão no sul do Brasil*. A contribuição da Sociedade União Popular e da Liga das Uniões Coloniais para a organização social e o desenvolvimento sulbrasileiro. 2001. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, n. 1, 2003. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: 23 mar. 2009.
- VOGT, Olgário; RADÜNZ, Roberto. Jesuítas e cooperativismo: as associações e seu papel no desenvolvimento regional do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, Maringá (PR), v. V, n.15, p. 273-284, jan./2013.
- WERLE, Márcio José. *Um por todos e todos por um: uma história das Caixas Rurais*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

